

GEOFFREY
CHAUCER

Contos da Cantuária

*Tradução do inglês médio
para o inglês moderno, introdução e notas de
NEVILL COGHILL*

*Tradução do inglês moderno e notas de
JOSÉ FRANCISCO BOTELHO*

*Ensaio de
HAROLD BLOOM*



Copyright da introdução e das notas
da edição original © 1951 by Nevill Coghill
Copyright do ensaio © 1996 by Harold Bloom

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Canterbury Tales

TRADUÇÃO DO ENSAIO
Marcos Santarrita

PREPARAÇÃO
Cacilda Guerra

REVISÃO
Huendel Viana
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chaucer, Geoffrey, 1342-1400.

Contos da Cantuária / Geoffrey Chaucer; tradução do inglês moderno e notas de José Francisco Botelho; tradução do inglês médio para o inglês moderno, introdução e notas de Nevill Coghill; ensaio de Harold Bloom. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Canterbury Tales.

ISBN 978-85-63560-80-3

1. Contos ingleses 2. Coghill, Nevill 3. Bloom, Harold
III. Título.

13-09448

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura inglesa 823.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500 Fax: (11) 3707 3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Nevill Coghill	7
Nota sobre a tradução — José Francisco Botelho	17
CONTOS DA CANTUÁRIA	
GRUPO A	
Prólogo geral	23
Conto do Cavaleiro	50
Conto do Moleiro	117
Conto do Feitor	140
Conto do Cozinheiro	155
GRUPO B	
Conto do Magistrado	161
Conto do Navegador	200
Conto da Prioresa	214
Conto sobre Sir Topázio	223
Conto de Chaucer sobre Melibeu (sinopse)	233
Conto do Monge	236
Conto do Padre da Freira	267
GRUPO C	
Conto do Médico	289
Conto do Vendedor de Indulgências	300
GRUPO D	
Conto da Mulher de Bath	323

Conto do Frade	363
Conto do Beleguim	377
GRUPO E	
Conto do Erudito	399
Conto do Mercador	439
GRUPO F	
Conto do Escudeiro	479
Conto do Fazendeiro	502
GRUPO G	
Conto da Outra Freira	533
Conto do Criado do Cônego	552
GRUPO H	
Conto do Provedor	583
GRUPO I	
Conto do Pároco (sinopse)	597
Retratação de Chaucer	603
Ensaio — Harold Bloom	605
<i>Notas</i>	633

Prólogo geral

Quando o chuvoso abril em doce aragem
Desfez março e a secura da estiagem,
Banhando toda a terra no licor
Que encorpa o caule e redesperta a flor,
E Zéfiro, num sopro adocicado,
Reverdeceu os montes, bosques, prados,
E o jovem sol, em seu trajeto antigo,
Já passou do Carneiro do Zodíaco,
E melodiam pássaros despertos,
Que à noite dormem de olhos bem abertos,
Conforme a Natureza determina
— É que o tempo chegou das romarias.
E lá se vão expertos palmeirins
Rumo a terras e altares e confins;
Da vária terra inglesa, gente vária
Põe-se a peregrinar à Cantuária
Onde jaz a sagrada sepultura
Do mártir que lhes deu auxílio e cura.²

Naquele tempo, estando eu hospedado
Em Southwark, na Estalagem do Tabardo,
Pronto a seguir, em devoção, sozinho,
Na próxima manhã, no meu caminho,
Eis que de noite, unidos em viagem,
Chegam uns vinte e nove a essa estalagem;

Gente variada, todos peregrinos,
 Ajuntados no acaso dos caminhos,
 Rumando à sepultura milagreira.
 Eram amplos os quartos e as cocheiras,
 E descansamos em total conforto.
 E para resumir, com o sol posto,
 A todos eles eu já conhecia,
 E conversando, uni-me à companhia.
 E combinamos levantar co'os galos
 E partir ao lugar de que vos falo.

Pra aproveitar o tempo da conversa,
 Antes de dar ao conto início e pressa,
 É justo que eu lhes faça a descrição
 Dos viajantes todos, e a impressão
 Que tive de seus ares e trejeitos
 E a posição que ocupam por direito
 E tudo o mais, do traje ao adereço.
 E por um Cavaleiro, então, começo.

Um CAVALEIRO havia, de alma pura;
 E desde suas primeiras aventuras,
 Nas leis do heroico código³ vivia
 — Liberdade, verdade e cortesia.
 Mil guerras, bem servindo ao seu senhor,
 Lutou, inigualado no valor.
 Por toda a cristandade e entre pagãos,
 De honor cobriu-se, em suma distinção.
 No cerco pelejou de Alexandria;⁴
 Em conselhos não raro presidia
 Nações em armas nos fortins da Prússia;
 Andou na Lituânia, andou na Rússia
 Mais do que outro cristão jamais ousara.
 Lutou no reino mouro de Granada
 No cerco de Algecira;⁵ e a Belmaria
 Tomou, depois Aigai,⁶ logo Atalia.⁷

O Grande Mar cruzou seguidamente
Em céleres armadas combatentes.
Viu mais de dez batalhas mui cruentas;
Da fé foi paladino em Tramissena⁸
Em três duelos — sempre vitorioso.
E o mesmo Cavaleiro valoroso
Cavalgou junto ao bei de Palatia⁹
Contra outro muçulmano na Turquia.
Louvores recebeu por todo lado
Pois apesar de bravo era sensato.
Tinha modesta e límpida atitude:
Dele jamais se ouviu palavra rude
Nem sequer a pagão ou estrangeiro.
Era um pleno, um perfeito cavaleiro.

Das roupas falarei com brevidade:
Melhor era o cavalo que o seu traje.
A veste de fustão era manchada
Pelos elos da cota enferrujada.
Pois, cumprida sua última proeza,
Tornou-se peregrino com presteza.

Com ele vinha o filho, um ESCUDERO,
Fogoso, apaixonado e aventureiro.
Em seus cabelos balançavam cachos,
Não mais que uns vinte anos tinha, eu acho.
Era galante, médio na estatura,
Mas forte e de veloz desenvoltura.
A cavalo em batalhas já servira
Em Flandres, em Artois e na Picardia.
Façanhas teve algumas, esmeradas,
Para agradar sua dama bem-amada.
Em rubras e alvas flores, como um prado,
Seu traje suntuoso era bordado.
Cantava o dia inteiro, como um gaio,
Alegre como o alegre mês de maio.

Seu saio era de mangas bem bufantes
 E cavalgava em ares triunfantes.
 Melodias bonitas burilava,
 Escrevia, cantava e desenhava.
 Ardendo em seu amor, de sol a sol,
 Vivia insone como um rouxinol.
 De resto, era de suma cortesia;
 À mesa, prestimoso, ao pai servia.¹⁰

O Cavaleiro tinha um só CRIADO,¹¹
 (Pois assim sempre havia viajado)
 Que usava um capuz verde, e um bom gibão;
 Tinha flechas com plumas de pavão
 Brilhando enfileiradas sob a cinta,
 Retíssimas, agudas e bem limpas.¹²
 Eram firmes as plumas dos seus dardos
 E potente em sua mão levava um arco.
 Cabelo curto e o rosto escurecido,
 Nas artes de caçar era um perito.
 No pulso, braçadeira¹³ colorida;
 Espada e um bom broquel também trazia.
 D'outro lado, portava bela adaga
 De cabo firme e lâmina aguçada.
 De são Cristóvão, em prata rebrilhando,
 Uma medalha ao peito está levando;
 E corneta de chifre curvo vê-se
 Sob o seu belo talabarte verde.
 Era um couteiro-mor,¹⁴ tenho certeza.

Também havia certa PRIORESA
 E seu cordial encanto era um prodígio.
 Gostava de jurar por santo Elígio;
 E era grande madame, essa Eglantina.
 Fazia o ar vibrar pelas narinas
 Ao entoar as santas cantilenas;
 Falava bem francês, e com fluência,

Mas o francês falado em nossa ilha¹⁵
— O francês de Paris desconhecia.
Ao comer, modos tinha de princesa,
Sem derrubar jamais comida à mesa.
No molho nunca mergulhava os dedos
E mastigava com cuidado e esmero,
Jamais na roupa um pingo lhe caía.
Adorava a elegância e a cortesia:
Metódica, enxugava o lábio fino:
No vidro de uma taça, ao beber vinho,
Jamais deixava nódoa de gordura.
Agia sempre co'a maior brandura,
Na mesa e fora dela. Era uma flor
De gentileza, trato e pundonor.
Emulava o trejeito cortesão
Para obter nas maneiras perfeição
E merecer de todos reverência.
E tinha tão sensível consciênci
Que lhe doía toda a dor do mundo:
Chorava mesmo ao ver um rato imundo
Sangrando preso em bruta ratoeira.
Com leite, pães e carnes de primeira
Alimentava os cães de estimação.
Chorava com profunda comoção
Se alguém com dura vara os golpeasse.
Era só coração e piedade.
Seu bem dobrado véu desce ao pescoço
Porém deixa entrever o belo rosto.
Cinzentos olhos, boca bem rosada,
E um palmo tinha a testa delicada;
Enfim: era mulher alta e vistosa,
E a roupa que vestia, primorosa.
Trazia, para afugentar o Mal,
Um rosário de contas de coral
— As contas mais graúdas eram verdes¹⁶
Marcando o *Pater Noster* belamente —

E um broche em fina prata burilado
Com régio “A”, em ouro coroado.
Uma joia brilhante, como a dona,
Com os dizeres: *Amor vincit omnia.*

Por secretária, tinha ela uma FREIRA,
E três PADRES seguiam-lhe na esteira.

Um MONGE havia, tipo modelar,
Era inspetor; seu gozo era caçar;¹⁷
Homem viril, talhado para abade.
Montava seu cavalo com alarde,
E tinha outros cavalos, nas cocheiras,
Esplêndidos, velozes nas carreiras.
Seus arreios têm guizos pequeninos
Que retinem e ecoam como os sinos
Da capela onde o Monge era prior.
Da regra de São Bento já cansou
E também de São Mauro: são tão velhas!
Tinha fé nas novíssimas ideias
E assim vivia — coisas do passado
Não imperavam lá no priorado.
Desprezava esses textos rabugentos
Que com judiciosos escarmentos
Taxavam quem à caça se entregava,
Dizendo ser um peixe fora d’água
O monge em tal mundana ocupação.
“Isso tudo não vale um só tostão”,
Ele exclamava — e eu assentia a tudo.
Devia acaso enlouquecer no estudo
No claustro, ou recurvado sobre o ancinho
Penar, conforme as regras de Agostinho?
Passar a vida toda na porfia?
Que Agostinho fizesse o que dizia!

A afoita cavalgada é o seu encanto;

Velozes como pássaros voando
Eram seus cães de caça na floresta
E a lebre era sua presa predileta.
Gastava, e na gastança era feliz:
Nas mangas tinha só peliça,
O capuz lhe prendia uma fivelha
Em ouro trabalhada, e muito bela,
Com um signo talhada, o Nó do Amor.
Tinha polida calva esse senhor
E até mesmo sua face era lustrosa.
Robusto, de barriga ponderosa,
Tinha os olhos vivazes como a chama
Quando um sopro de vento o fogo inflama.
Era um lorde robusto, em bons calçados;
Era um perfeito e próspero prelado!
Não tem a palidez de alma punida
E triste nunca está se houver comida;
E o seu cavalo escuro é um alazão.

Havia um FREI, grandioso folgazão,
Bonito, especialista mendicante¹⁸
Que no polido linguajar galante
Não tinha, em qualquer Ordem,¹⁹ um rival.
Se fez a virgens moças algum mal,
Remiu-se, e lhes pagou bom casamento:
Da temperança, um belo monumento!
Era benquisto em toda a região
Por fazendeiros finos de extração,
E pelas ricas damas da cidade;
Dizia ter legal capacidade²⁰
De ouvir, remir e de expurgar pecados.
Exímio confessor, era cordato
Ao ouvir as contritas confidências
Receitando só leves penitências.
Dava pronta e total absolvição
A quem pagava em prata a confissão.

Pois se alguém boa esmola entrega aos frades
 É porque foi remido de verdade.
 Aos homens que não sabem prantear
 Nem as culpas em lágrimas lavar
 Recomenda-se, em vez da contrição,
 Fazer aos frades gorda doação.

Usava palatinas recheadas
 De prendas para moças delicadas
 E tinha voz bonita, clamorosa;
 Manhosamente dedilhava a rota.²¹
 E baladas cantava em tom feliz;
 Sua pele tinha a cor da flor-de-lis.
 Forçudo como um touro bramidor,
 E das tavernas bom conhecedor,
 De taverneiras era mui gregário.
 Mas quanto ao povo lá dos leprosários,
 Preferia mantê-los à distância.
 Pois para alguém tão fino e de importância
 Não fica bem andar com lazarentos;
 Pois ofendia os nobres sentimentos
 Andar metido nessa vil escória.
 Estar com gente rica é que era glória!
 Ao lucro, sim, fazia a liturgia,
 Ao lucro, era de suma cortesia.

Virtude assim não conhecia igual:
 Dos mendicantes era o cardeal.
 (Pois pagava uma taxa, e o seu distrito
 Por outros freis jamais era invadido).
 “*In principio*”, entoava em tom dolente²²
 E até viúvas pobres e sem dentes
 Botavam-lhe nas mãos algumas rendas.
 Ganhava mais assim que com prebendas,
 Vivendo lindamente repimpado.
 Pelo povo era em tal grau admirado

Que era chamado a resolver disputas,
 Pois viam nesse frade uma figura
 De pontífice ou mestre citadino.
 Em fio duplo, abaulada como um sino,
 Caía-lhe sua veste religiosa.
 Sua língua ciciava, melindrosa,
 Para palavras belas adoçar.
 Ao som da lira punha-se a cantar
 E seu olhar sestroso refulgia
 Tal qual estrelas numa noite fria.
 — E creio que ele Humberto se chamava.

Em altaneira sela viajava
 Um falante e barbudo MERCADOR,
 Usava, em fina pele de castor,
 Chapéu flamengo, e roupa variegada.
 Tinha uma bela barba bifurcada,
 E botas de fivela cintilante.
 Falava em tom solene e triunfante
 Sobre seus mil sucessos monetários.
 Exigia o extermínio dos corsários
 Que no mar lhe faziam tanto mal.²³
 Lucrava na permuta cambial,
 E ninguém suas dívidas notava.
 Confesso que seu nome já me escapa;
 Talvez não fosse totalmente honesto,
 Mas era bom sujeito, isso eu atesto.

Também conosco havia um ERUDITO²⁴
 Absorto, magro, sério, introvertido,
 Que em Oxford, almejando o sacerdócio,
 Há muito praticava o estudo lógico.
 Vestido em guarda-pó todo puído,
 Montava num rocim no mesmo estilo.
 Inda não recebia suas prebendas
 De padre, e lhe faltavam outras rendas:

Genioso, não podia tolerar
Mero emprego no mundo secular.
No silogismo tinha muita gana
E preferia ter junto à sua cama
Seu querido *Organon* aristotélico
Do que as estolas do mais fino clérigo.
Ganhava algum dinheiro dos amigos
Mas esbanjava tudo com seus livros.
Gratíssimo, pagava em oração
Aos que ajudavam sua formação.
É que esse filosófico senhor
Pedras filosofais nunca encontrou.²⁵
No ardor da erudição se consumia:
Jamais falava mais do que devia;
Se falava, era breve e transcendente.
Aprendia e ensinava alegremente.

Um sábio e judicioso MAGISTRADO
(Dos que atendem no pórtico sagrado
Da catedral de Londres)²⁶ lá estava:
Um homem de sabedoria rara
— Ou assim sugeriam seus discursos.
Aquele magistral jurisconsulto
Viajava com régia comissão,²⁷
Ganhando universal reputação
E juntando presentes, rendimentos.
Usava seu legal discernimento
Comprando terras ao menor tributo.
Era um negociador bem vivo e arguto,
E era o mais ocupado da Inglaterra.
(Mas *parecia* ser mais do que ele *era*).
Sabia todo caso memorando
Desde William, primeiro rei normando.
Cada processo seu era obra-prima
E nem o mais astuto casuísta
Podia abrir-lhe brechas no argumento.

Um casaco com mínimo ornamento,
Cinta em seda listrada — eis o que usava,
E de seus trajes não direi mais nada.

Com ele viajava um FAZENDEIRO²⁸
De brancas barbas e de humor fagueiro.
De rosto avermelhado, bem sanguíneo,
Gostava de comer bolos ao vinho.²⁹
Seu lema era: “O prazer é o que procuro!”.
Era autêntico filho de Epicuro.
Toda felicidade — ele dizia —
Era buscar deleites todo dia.
Hospitaleiro como são Julião,
Era famoso em toda a região.
Cerveja e pão servia a toda gente;
Sua adega não tinha concorrente.
Na farta mesa, tortas abundavam;
Aves, pescados, carnes pululavam:
Nevascas de acepipes deliciosos,
Dilúvios de bebida, licorosos.
E acompanhando a época do ano,
Os itens do cardápio iam mudando.
Gaiolas tinha com perdizes gordas
E cardumes de carpas na lagoa.
Ai de seu cozinheiro se fizesse
Um prato sem sabor ou sem finesse;
E no salão da casa, a tarde inteira,
Ficavam postas mesas e cadeiras.
Presidia sessões e julgamentos,
E assistia sessões no Parlamento.
Tinha um punhal e bolsa de tecido
Tão alva como leite matutino.
Fora auditor, xerife do condado;
Era um bom, honorável vavassalo.